CÓDIGO A3 (entrevista)

ENTREVISTADOR - Composição da família. Você é casada?

ENTREVISTADO - Sou casada, não tenho filhos.

ENTREVISTADOR - A origem da sua família?

ENTREVISTADO - Região Sul. Santa Catarina. Mas eu mesmo sou daqui. Já nasci aqui.

ENTREVISTADOR - Já está a 24 anos. A área da sua propriedade?

ENTREVISTADO - 100 hectares.

ENTREVISTADOR - Em relação à questão da atividade principal do estabelecimento?

ENTREVISTADO - Sistemas agroflorestal. SAFs.

ENTREVISTADOR - A sua mão de obra é contratada, ou só famíliar?

ENTREVISTADO - Familiar

ENTREVISTADOR - Tem alguma outra renda? Alguma outra atividade remunerada?

ENTREVISTADO - Não só o SAF.

ENTREVISTADOR - Algum membro da família recebe algum auxílio do governo?

ENTREVISTADO - Não.

ENTREVISTADOR - No seu caso, como que foi o início? Você já pegou seu pai? Você chegou a sair para estudar e voltou? Só aprendeu com seus pais? Como é que foi esse início?

ENTREVISTADO - No meu caso, eu já cresci aqui né, com meus pais, auxiliando e aprendendo desde. E aí eu fui estudar na escola agrícola, mas como era aqui próximo né, que é aqui próximo a Acrelândia, a escola que foi criada com incentivo do RECA né. Então eu passava os 15 dias lá na escola, e os 15 dias aqui, trabalhando na propriedade. É os 15 dias da sessão familiar que a gente chamava, eu tava aqui.

ENTREVISTADOR - E aí você já aplicava os conhecimentos adquiridos lá?

ENTREVISTADO – É, quando possível. A gente ía aplicando conforme ía aprendendo, tanto na escola quanto aqui. Daí eu assumi mesmo ajudando mais forte foi de 2016 para cá né. Todos os dias, foi do ano passado pra cá, porque até então eu trabalhava lá no RECA. Prestando assistência técnica. Eu me formei e fui trabalhar lá. Então, é que nem diz o pai, eu conhecia mais a propriedade dos outros do que aqui, praticamente. Mas daí meu esposo trabalhava e os meus pais e eu ía auxiliando sempre que podia né. Quando

eu não tava lá né. E agora do ano passado para cá, depois que eu saí, eu fiquei mais focada.

ENTREVISTADOR - Então seria o que 2 anos?

ENTREVISTADO – É. Que eu tô mais envolvida mesmo. 4 anos total sendo os dois últimos mais completo.

ENTREVISTADOR - Se houve alguma tentativa tradicional de comercialização, que não tenha dado certo. Chegaram a tentar alguma coisa de diferente nesse período?

ENTREVISTADO – Então que eu me lembre não. Como eu já tou dando continuidade ao trabalho que meu pai fez. Desde o início as culturas que ele trabalhava era cupuaçu, pupunha, castanha eram as principais que foi de início do RECA né. E a gente foi implementando outras, açaí, rambotam, pupunha, continuidade na pupunha e outras né, e tem dado certo. O que a gente tem um pouco de dificuldade, nem é tanto como produção, é como comercialização, mas que é mais geral é a semente hoje, devido a situação do mercado, a semente da pupunha, mas de um modo geral, assim, de produção dificuldade não.

ENTREVISTADOR - A questão de cursos quando tem, você participa? E busca trazer isso para a propriedade?

ENTREVISTADO – Isso. Eu fiz o curso técnico na EFA né. e dentro do curso técnico, eu sempre participava, a gente sempre mantinha a escola bem próximo ao RECA. Então pela escola, a gente já fazia intercâmbios, atividades práticas fora né, tanto no Acre em outras atividades como no RECA, sempre que tinha algum curso, alguma atividade, intercâmbios, a gente sempre tinha uma abertura pra gente participar como aluno e como filho de produtor e sócio. E eu me, quando eu atingi a maioridade né, eu já me associei também e já comecei a minha produção desde ali né. Não tava tão presente aqui na roça, mas já tava iniciando. Quando eu saí da escola, aliás antes deu concluir o curso técnico, como já tava finalizando eu comecei, eu fiz o estágio no RECA né, durante o processo e já comecei a trabalhar e comecei a fazer uma faculdade de agronomia, que era semipresencial na época. Depois, né, a faculdade deu nó na gente e foi se embora. Mas a gente aprendeu bastante, então é, na faculdade também a gente tinha uma parceria bem forte com o RECA, a gente sempre fazia as nossas aulas práticas nas

propriedades de agricultores do RECA. A gente tentava voltar essas atividades da faculdade, das disciplinas pra nossa realidade entendeu, a gente puxava para cá.

ENTREVISTADOR - E você identificou, existiu alguma adaptação daquilo que foi aprendido pra realidade do produtor aqui do RECA?

ENTREVISTADO – ‘Eu creio que sim, apesar de que assim, a gente sempre focou os estudos na realidade, tanto lá na escola agrícola como na faculdade, a gente sempre focava aqui. Sempre claro tentando buscar algo que tinha diferente que a gente pudesse adaptar né, que por exemplo a questão de irrigação, é uma dificuldade muito grande aqui. A gente tentou assim de todas as formas buscar cursos, sempre que podia, não conseguimos assim poucas pessoas conseguiram implantar, porque é bem complicado a questão da água, né, mais foi uma tentativa de vários produtores e cursos que a gente fez também, muitos não conseguiram né, mas a gente sempre busca observar.

ENTREVISTADOR - No caso da tua propriedade você acha se você conseguiu ter o resultado?

ENTREVISTADO – Sim. É, como a gente tava falando, a gente não conseguiu implantar uma alta tecnologia né, mas tem coisas por exemplo, como alguns insumos, do bastão Verde, da compostagem, outras insumos que na verdade a gente sempre soube desde a época do meu pai, a compostagem é bom, biofertilizante é bom, adubo verde é bom, leguminosa não sei o que, tudo é bom, mas assim na prática a gente quase não fazia né. E após a gente ir buscando, participando desses cursos, depois a gente foi tentando implantar mais isso, e hoje a gente vê que tá tendo resultado.

ENTREVISTADOR - Hoje vocês trabalham com essa prática?

ENTREVISTADO – Sim, voltou as práticas.

ENTREVISTADOR - (LÉO) - Você implantou uma gestão bem diferente do que seu pai fazia ou você manteve, trazendo inovações? A questão da gestão administrativa?

ENTREVISTADO – Na verdade a gente tá mantendo assim, porque era uma coisa que era bem, tava dando certo. E a gente tá tentando, às vezes a gente vai adaptando, algumas coisas que a gente vê, AH, vê algunas exemplos que tão um pouco melhores, a gente vai adaptando sempre pra tentar melhorar né. Mas não teve muita mudança não na prática.

ENTREVISTADOR - Vocês são técnicos. Vocês mesmo fazem ou tem alguma visita técnica?

ENTREVISTADO – Mesmo assim ainda tem.

ENTREVISTADOR - E o que vocês fazem para superar essas dificuldades? Esses problemas do dia a dia? Fazem alguma adaptação? Fez algo diferente?

ENTREVISTADO – Eu acredito que seja mais ou menos isso mesmo, né as duas coisas tem que andar junto, e a gente tentar adaptar ao máximo o que a gente pode para facilitar o trabalho, como ele (ALEX) falou, mas eu acho que já a gente já conseguiu, tá conseguindo né, fazer dentro das possibilidades né, por exemplo, uma das dificuldades maiores acho que a gente teve desde o início e tem até hoje com o cupuaçu, dentro do SAF é o ataque da broca né do cupuaçu, que é uma coisa que já teve muitas e muitas e muitas pesquisas e nunca chega-se a um resultado né. E no momento a gente tá como produtos né biológico, e tá tentando fazer compra biológica porque era mais difícil ainda pras áreas orgânicas que sempre tem uma dificuldade a mais né. E a gente conseguiu esse produto, é com permissão né, e tá aplicando, e com o apoio do RECA né, a gente conseguiu adquirir também o implemento que é pra auxiliar esses produtores, os produtores todos né, que tão fazendo esse uso, pra fazer aplicação né que é o pulverizador né, atomizador, que de certa forma já alivia né porque como o Alex falou, ele tinha adaptação do tambor de 1000 litros no tobatinha, com a barra pra aplicar herbicida, e a gente fazia assim, nós por exemplo, a gente tem essa adaptação pra aplicação do biofertilizante, desse produto biológico, que o fungobelvereabaciano, né e a gente usa assim, mas tinha pessoas que nem isso não tinham né. Então conseguiram com o apoio do RECA, a gente conseguiu compra esse atomizador e faz a adaptação, o vizinho que tem um micro trator ali empresta para aquele que não tem e a gente vai se auxiliando né, tem essa parceria. Então acho que o que a gente consegue manter pra superar as dificuldades hoje, é esse conjunto que a gente tem, união entre os agricultores, seja com um que é cunhado, sogro, irmão ou com um outro vizinho né, que tá sempre um tentando. Desde o início quando cê tá aprendendo né implantação até todas as fases né.

ENTREVISTADOR - Em relação ao controle da produção e da qualidade dos produtos? Como que vocês fazem? Vocês produtores fazem ou é feito lá na cooperativa? Tanto no controle como na qualidade?

ENTREVISTADO – O processo inicia no campo né, mas lá (cooperativa) é feito novamente né.

ENTREVISTADOR - A questão dos usos dos recursos internos da propriedade. Vocês reutilizam? Como é feito? E em relação aos resíduos, vocês conseguem reaproveitar?
ENTREVISTADO – Na verdade é isso mesmo né. O cupuaçu que é um dos produtos principais que a gente tem, a gente costuma dizer que não perde nada, né. Porque aqui no sítio a gente faz a primeira seleção né na parte do controle de qualidade, como o Alex falou que a gente faz essa seleção, o que não é bom para enviar lá para produção de Polpas a gente quebra aqui é, tira as amêndoas né e envia a amêndoa, no caso, a semente pra produção de óleos lá, que ela não vai servir pra polpas, mas já serve pro óleo. A casca, a gente deixa, a gente tem, monta um suporte improvisado ali e a gente vai, é um reservatório e vai guardando essas cascas ali durante todo o período da safra. Por exemplo a gente guardou no ano passado, agora na safra anterior, esses dias a gente quebrou a casca, não tem como triturar que é muito grande, então a gente usa o tobatinha quebra elas todinha e volta pras áreas em forma de adubação. Nada se perde, os outros produtos, não tem. Tem a pupunha só, no caso, que a polpa, mas que a gente joga também nas áreas ou descarta mais próximo.
ENTREVISTADOR - O que vocês consideram que é diferente da sua produção para a produção de outras pessoas? Olhando principalmente pra fora do RECA. Que está agregando valor, que tem resultado positivo pra você? É o fato ser orgânico? É o fato de ser o SAF? É o fato do local? É o fato da parceria com a cooperativa? O que é o sucesso de vocês?
ENTREVISTADO – Acho que é mais ou menos isso. Assim pensando no lado financeiro é isso que ele falou né, mas é no diferencial como um todo, acho que os SAFs dá uma diferença grande e o projeto que a gente tem, não só pelo lado financeiro que a gente tem com a Natura, é o projeto de carbono né, que dá uma valorização à mais também. Tanto no lado financeiro como no lado de OPA eu preciso manter preservado né, que já é uma ajuda a mais também que com o trabalho do SAF e tudo o mais, tudo vai se alinhando né. E a gente vê a gente consegue observar olhando uma propriedade, por exemplo, que é cooperada, associada, é uma que não, que existe uma diferença bem

grande nesse outro lado né. Separando o lado financeiro, a gente consegue identificar rapidamente as propriedades assim.

ENTREVISTADOR - Então essa parceria com o RECA também traz muito esses benefícios para o agricultor? E o fato do selo orgânico e tudo o mais.